

**LOCALIDADES DE CRIÚVA:
OS TOPÔNIMOS COMO MEMÓRIA LEXICAL**

Giselle Olívia Mantovani Dal Corno (UCS)
gomdcorn@ucs.br

1. Introdução

A história oficial de um lugar (seja um país, um estado, uma cidade...) é contada em livros e obras oficiais. Sabe-se, no entanto, que a história é muito mais do que isso: compõe-se da soma de todas as impressões deixadas pelos fatos e acontecimentos – vividos, testemunhados, contados – na memória dos indivíduos. Fatos e acontecimentos marcantes registram a história no tempo; nas genealogias, somam-se às datas os nomes daqueles que alguma forma fizeram a história. Zimmermann e Netto comentam que a “história de um povo não é e nem deve ser somente o alinhamento cronológico de datas. Ela é muito mais que isso, é a soma de tudo que o passado nos deixou, incluindo hábitos, tradições, vivências” (1991, p. 15).

A memória, assim, dá razão e significado à história; por isso, a memória é uma das formas mais significativas de aproximação à história.

Há, porém, outra forma de resgatar partes da história de um lugar, em uma atividade que vem ganhando no Brasil maior destaque desde que passou a ser objeto de estudo científico na academia: a investigação dos topônimos, através da *toponímia*, um ramo de estudos da Lexicologia. Os topônimos, nomes atribuídos aos lugares, constituem a memória lexical de uma cidade, um bairro, um país, uma localidade, pois remetem às motivações tanto das designações quanto de sua modificação em diferentes momentos de sua existência, quase que sempre relacionadas à história de o lugar. Mesmo os aspectos geográficos podem remeter a um determinado modo de ser num tempo específico. Deste modo, pode-se dizer que estudar a toponímia é conhecer a identidade histórica de um lugar.

Neste trabalho, dentro dos objetivos mais amplos da Lexicologia, buscamos investigar alguns topônimos relacionados a Criúva (distrito de Caxias do Sul, RS), cujo nome em si já faz um instantâneo de um momento no tempo: servindo de pouso para viajantes e tropeiros, o lugar em que abundavam as árvores chamadas *criúva* (*Clusia criuva* Cambess) ganhou essa denominação.

2. *Antecedentes históricos*

Em sua formação, a Província de São Pedro do Rio Grande – atual Estado do Rio Grande do Sul – era composta de quatro freguesias: Viamão (depois Porto Alegre), Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha. Nosso interesse neste trabalho recai sobre esta última, uma vez que foi daí que se originaram os municípios da encosta superior do nordeste do RS, e sua história tem forte relação com a do distrito de Criúva.

A página da Câmara dos Vereadores de Santo Antônio da Patrulha informa:

As origens deste povoado remontam à própria história do Estado. Com a fundação da Colônia de Sacramento em 1680, cresce o interesse dos colonizadores portugueses em povoar e defender o território meridional do Brasil. Por volta de 1736 é aberta por Cristóvão Pereira de Abreu a Estrada dos Tropeiros. Devido ao contrabando de gado que passava por essa estrada, surgiu um "Registro" ou "Guarda", mais tarde chamada patrulha, esta fiscalizava e cobrava impostos dos rebanhos que passavam por ali e seguiam para Sorocaba e Minas Gerais. Esse aquartelamento é responsável por parte do nome do município, que antes chamava-se Guarda Velha de Viamão.

Em 1811, as freguesias, que já haviam se transformado em vilas, foram elevadas simultaneamente à condição de municípios, que depois deram origem a todos os demais municípios do RS, criados por razões as mais diversas. Santo Antônio da Patrulha ocupava então uma vasta região, englobando tanto as planícies litorâneas a norte do Estado quanto as regiões de campos e pinhais do planalto meridional conhecidos como os Campos de Cima da Serra. Ali, já desde 1742, açorianos (três) e portugueses continentais (11) receberam sesmarias, no intuito do Reino de preservar as terras da invasão dos castelhanos. São exemplos o lisboeta Pedro da Silva Chaves, que em 1752 foi nomeado em Capitão de Ordenanças para o “expediente das Ordens e Serviço de Sua Majestade”, ocupando a Fazenda São João, “em cima da Serra de Viamão”, e de André Nunes Porto (originário da cidade do Porto), que recebeu a Sesmaria das Palmeiras dos Ilhéus em 1772. Essas primeiras sesmarias foram depois divididas em fazendas, passadas a herdeiros ou vendidas a outros 39 proprietários. Observou-se, assim, inicialmente, uma divisão orgânica das terras, que levava em conta mais os acidentes geográficos e a disposição das estradas e cursos d’água que as divisões políticas.

Isso viria a se modificar diante de um novo cenário político. Como explica Alves (2010), a partir

da Lei de Terras em 1850, iniciou um processo de migração interna no Rio Grande do Sul. A procura por áreas ainda não legitimadas foi grande. A região recebeu, num primeiro momento, famílias oriundas, principalmente, das regiões de Gravataí e Santo Antônio da Patrulha. Logicamente e naturalmente, esses novos povoadores também adquiriram terras dos herdeiros das primeiras famílias e os casamentos ocorriam entre estes novos grupos e com aquele grupo mais antigo. A fragmentação da antiga Palmeira dos Ilhéus foi intensa e a criação de pequenas povoações indicava uma nova postura de organização onde a Igreja teve papel importante. (ALVES, 2010, p. 65).

Desde 1873, a vila de São Francisco de Paula tentava emancipar-se de Santo Antônio da Patrulha. As razões para isso eram tanto de origem política quanto prática. Conta-nos Alves que já “naquela época as intempéries climáticas abalavam a gente do campo. Na ata de 15-8-1877 são nomeados encarregados de informar e relacionar o nome das vítimas da seca em Cima da Serra (2010, p. 69). Conta-nos o autor que havia algumas restrições dos habitantes do local às atividades da Câmara de Santo Antônio da Patrulha, além de divergências políticas, pois na época da Revolução Farroupilha (1835-1845) “os rebeldes quase sempre se refugiavam em Cima da Serra” (ALVES, 2010, p. 69). São Francisco teve suas intenções frustradas na anulação de uma primeira votação em 1873, mas em 1878 finalmente emancipou-se. Na transferência de documentos para esse novo município, “aparecem definições de doações e fragmentação da antiga Fazenda dos Ilhéus quando é analisado o pedido de moradores para a edificação de uma Vila que seria nada mais nada menos do que a Criúva” (ALVES, 2010, p. 69).

3. De vila a distrito: o percurso de Criúva

Segundo dados relacionados às eleições, a região no entorno da futura vila era dividida em três localidades, todas na área pertencente à antiga Palmeira dos Ilhéus: Criúva, Ilhéus e Mulada. Entre os eleitores ali listados, “de um total de 43, 31 eram considerados Criadores (72,1%) e 10 eram lavradores (23,3%). Aparecem um negociante (2,2%) e um de ‘ofício’ (empregado público). A maior parte era pecuarista, seguindo a tendência histórica da região.” (ALVES, 2010 p. 72). Esses pecuaristas, sendo os grandes fomentadores do tropeirismo mear e vacum do século XIX, contribuíram para o estabelecimento do Caminho das Tropas, que ligava Viamão à Feira de Sorocaba, em São Paulo, importante cenário do tropeirismo no Brasil. Também em função da divisão das fazendas e da fixação das famílias, desenvolveu-se o tropeirismo “doméstico”, ou tropeirismo gaúcho regional, que providenciava o intercâmbio de produtos

necessários à manutenção das fazendas e das vilas, que depois deram origem a diferentes municípios.

Criúva foi, assim, uma vila que se desenvolveu às margens da Rota dos Tropeiros, atendendo às duas fases do tropeirismo no RS: tanto o comércio com a Feira de Sorocaba quanto o tropeirismo doméstico. Comenta Alves:

A região tinha movimento intenso de tropas e o Presidente da Província de então, Borges de Medeiros, atendendo pedido dos moradores, autorizou a construção da Ponte dos Korff, que facilitaria a passagem sobre o Rio das Antas na estrada que levava a Vacaria. A obra também interessava outras regiões, como a de Caxias do Sul, já que o caminho natural e mais antigo que ligava o Sul com o Norte do País passava justamente pela região de Criúva. Uma das rotas de Tropeiros que ganhava impulso e maior movimento era justamente aquela que saía da Sede de Caxias do Sul, passando por Ana Rech até chegar ao Rio das Antas, passando por Criúva. (ALVES, 2010, p. 73-74).

A rota dos Tropeiros, assim, seguia da Estrada Rio Branco, que cruzava Caxias do Sul, passando pelas fazendas e chegando até os centros comerciais do centro do Brasil.

Outro importante papel desempenhado por Criúva foi o oferecer locais de “pouso” para os tropeiros, com mangueiros onde os animais também pudessem descansar. Os imigrantes italianos que chegaram a Caxias do Sul a partir do último quartil do século XIX encontraram aí uma oportunidade de desenvolvimento econômico, estabelecendo-se na vila de Criúva a partir dos últimos anos desse século e oferecendo serviços aos tropeiros (selaria, ferraria, hotel...). Assim narra Alves:

Com o aumento do trânsito na estrada que ia até Vacaria e Santa Catarina, o imigrante João Pilatti aproveitou a ocasião e instalou uma casa comercial para atender os trabalhadores que ajudavam na construção da referida ponte. Outro imigrante, pai de Fioravante Bertussi, chegou em 1903 a Criúva, instalando uma ferraria e uma casa comercial. Os empreendedores europeus chegavam à região que antes se dedicava somente à pecuária e a lavouras de feijão, milho e trigo. (ALVES, 2010, p. 74).

Com a construção da BR-116, durante o governo de Getúlio Vargas, a Estrada Rio Branco perde sua importante função de ligação com São Paulo, relegando Criúva, aos poucos, à obscuridade. Iniciou então um movimento que visava à anexação de Criúva a Caxias do Sul, da qual ficava mais próxima (55 km) e poderia, assim, receber maior atenção. Os interesses pareciam ser recíprocos, como ressalta Alves (2007):

... o grande interesse dos caxienses era Criúva pois era um reduto eleitoral mais expressivo e, historicamente, traduzia um desejo antigo de anexar uma área de campanha agro-pastoril (campos de cima da serra) bem ampla, dei-

xando de ser apenas um município com terras pobres párea a agricultura. Para os moradores de Criúva, o importante era a proximidade de um centro maior que, teoricamente, daria mais comodidade e ganhos econômicos. No outro lado, para os caxienses, a conquista desta área era um grande negócio... (ALVES, 2007, p. 61)

Assim, após um plebiscito em 1953 (o de 1949 não havia sido homologado pelo Governo Estadual), a ação emancipatória foi vitoriosa e a Lei Municipal No. 2531, de 15/12/1954, desanexou o distrito de Criúva do município de São Francisco de Paula e o incorporou a Caxias do Sul. Nesse processo, uma parte do município vizinho de São Marcos também foi incorporada, fazendo com que o novo distrito ocupasse quase metade da atual área de Caxias do Sul.

4. *As localidades de Criúva: a memória da história nos topônimos*

Criúva permaneceu como a sede do distrito. Além das duas localidades originárias da primeira divisão da Fazenda Palmeira dos Ilhéus (Ilhéus e Mulada), no momento da anexação registraram-se ainda outras 12: Agudo, Fundos da Mulada, Invernada dos Bois, Rodeio Vermelho, Rincão Feio, Potreiro da Serra, Palmeiras, Palanquinhos, Coxilha do Tigre, Madeira, Rincão das Flores e Quebrada Funda. Vale lembrar que essas localidades, seguindo a sistemática dessa região de campo, resultaram de propriedades que foram subdivididas organicamente, ao mesmo tempo em que ocorria a miscigenação e a integração étnica.

Em busca das motivações designativas numa primeira análise dos topônimos relativos às localidades de Criúva, podem ser identificadas quatro categorias principais, descritas a seguir.

a) Topônimos que relembram aspectos relacionados ao conduzir das tropas e às atividades da pecuária, remetendo às duas grandes vocações dos primórdios da região. Na primeira categoria, encontramos:

- *Mulada* (= tropa de mulas¹) e *Fundos da Mulada* (isto é, uma localidade para além da Mulada, mais distante com relação à sede), que podem ser associados aos muares ali criados e conduzidos em tropas para comercialização na Feira de Sorocaba;

¹ As definições aqui elaboradas buscam as acepções aplicáveis ao Estado do RS ou à região estudada, e por isso muitas vezes não são encontradas em dicionários de língua geral. Serve, então, de fonte de pesquisa básica o *Dicionário gaúcho brasileiro*, de Batista Bossle (2003).

- *Invernada dos Bois*, designativo de uma grande extensão de campo cercado onde gado, muares e cavalares é guardado para a engorda ou reprodução;

- *Rodeio Vermelho*, em que se mesclam duas motivações designativas: a referência a um lugar do campo em que o gado é reunido para ser marcado ou tratado (a acepção de festa campeira com provas de habilidade de peões é bem posterior à denominação da localidade) e a descrição da coloração da terra do local;

- *Potreiro da Serra*, remetendo ao lugar, menor que a invernada, próximo à casa da estância ou fazenda, em que o gado e os cavalos são recolhidos e alimentados com boas pastagens e água;

b) Topônimos relacionados a aspectos físicos da paisagem. Nesta categoria, as designações podem ser descritivas ou associativas, registrando tanto observações quanto impressões dos designadores. Temos aqui:

- *Rincão Feio*, em que *rincão* designa de forma genérica uma porção de campo protegida por capões de mato ou outra vegetação (também usado metaforicamente para referir-se a um lugar que oferece abrigo e segurança); *feio*, por sua vez, não é um julgamento com relação à aparência física desagradável, mas sim uma referência à dificuldade de acesso ao local;

- *Quebrada Funda*, remetendo a um terreno em declive (*quebrada*) e íngreme (*funda*);

- *Agudo*, que é uma designação bastante comum de lugares onde o terreno se eleva formando um morro íngreme, pontiagudo;

- *Palanquinhos*, provavelmente remetendo às formas verticais semelhantes a estacas, ou palanques, dos paredões dos *cânions*, formados pela erosão eólica e fluvial, que abundam nas bordas orientais dos Campos de Cima da Serra;

- *Coxilha do Tigre*, remetendo às ondulações de terreno, cobertas de pastagem, típicas da região dos Campos de Cima da Serra. Como explicar, porém, a parte adjetival desse sintagma toponímico, a não ser pela memória de algum episódio marcante em que tenha havido um encontro com um animal semelhante a um tigre (designação dada à onça-pintada, comum no sul do Brasil)?

c) Topônimos relacionados à vegetação. Embora se saiba que se trata de uma região de pastagens e pinheirais, observa-se uma descrição que pode (ou não) ter sido modificada pela mão do homem. Temos:

- *Criúva*, o distrito sede, assim nomeado pela abundância da árvore homônima que abrigava em sua sombra os tropeiros;

- *Rincão das Flores*, local onde, segundo contam, abundava uma pequena flor selvagem, de cor amarela, conhecida como “maria-mole” porque, ao menor contato, libera seu pólen;

- *Palmeiras*, referindo-se genericamente às plantas da família das palmas, provavelmente existentes ou trazidas pelos açorianos que fundaram a Fazenda que originou o núcleo rural-urbano abrangido.

d) Topônimos relacionados à etnia ou proveniência dos primeiros habitantes:

- *Ilhéus* (= natural ou habitante de uma ilha). Consta dos registros que três das primeiras famílias da Fazenda dos Ilhéus eram provenientes da Ilha dos Açores, mas provavelmente sua importância era destacada, para serem assim homenageados nessa denominação;

- *Madeira*: especulamos que alguns habitantes originais possam ter vindo da Ilha da Madeira, Portugal, embora até o momento não tenhamos encontrado registro. Seria uma motivação mais plausível para a denominação que a simples alusão a árvores. Esses dados ainda carecem de investigação.

5. Breve discussão dos resultados e sugestão de continuidade da investigação

Apesar de esta ser uma investigação ainda incipiente, algumas considerações podem ser tecidas.

A primeira diz respeito à predominância, nas motivações designativas dos topônimos, das marcas da cultura e economia locais, como a lida com os animais, bem como dos aspectos físicos, neste sentido repetindo uma tendência geral na toponímia.

Com relação às origens étnicas homenageadas nas denominações, fica marcante a ausência de referências aos grupos indígenas nômades que circulavam pela região antes da fixação do homem branco (caingangues, coroados), bem como ao grupo de imigrantes italianos, que se inte-

graram de forma surpreendente à cultura campeira. Observa Alves (2010):

A maioria dos descendentes de imigrantes italianos vivenciava a cultura local já existente. Esquecendo suas raízes na Itália, inclusive não tendo sinais do idioma ou dialeto, ou qualquer outra manifestação de cunho cultural, apropriaram-se da vida campeira, metodologia de trabalho, suas cantorias, crendices, mitos e religiosidade. Afastados culturalmente do centro maior (Caxias) não lembravam em nada na participação da Festa da Uva ou de filós improvisados. Com o tempo, esta gente, já casada com o grupo anterior, mais antigo, fundava CTGs e organizava rodeios e “tiros de laço”. Entre tantas, destaca-se a família Bertussi que, através da música tradicionalista, divulgou a cultura da região, com composições que retratavam o espírito de vida (alma) da gente criuvense ou muladeira. (ALVES, 2010, p. 155-156)

O Plano Diretor da Secretaria de Planejamento do município de Caxias do Sul mostra Criúva como uma zona de interesse turístico (ZIT) e indica, além das localidades aqui elencadas, a existência de “linhas”. Diferentemente das zonas de colonização italiana ou alemã no RS, as linhas não se referem a lotes de terra, mas sim a caminhos ou estradas, nomeados a partir de um ponto de referência (propriedade de alguém, nome da capela, etc.): Santa Catarina, Santo Antônio, Café, Taimbé, entre outras. O levantamento do nome de todas as linhas deve ainda ser feito, para depois seguir-se a investigação de sua motivação toponímica.

Além disso, como preveem os estudos toponímicos, os topônimos levantados devem ser classificados em categorias segundo uma taxonomia, sendo hoje a mais usada no Brasil a que foi adaptada por Dick (1990) para atender às especificidades da toponímia brasileira.

Esta investigação é, como já dissemos, ainda incipiente e precisa ser complementada com dados não obtidos em fontes bibliográficas. Será necessário buscar na memória dos indivíduos ligados a Criúva ainda boa parte da história por trás dessas motivações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Luiz Antônio. *Criúva, um povoado brasileiro*. Caxias do Sul: Evangraf, 2010.

ALVES, Luiz Antônio. *Os povoadores de São Francisco de Paula*. Caxias do Sul: Edição do Autor, 2007.

BOSSLE, João Batista Alves. *Dicionário gaúcho brasileiro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.

DICK, Maria Vicentina P. A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.

DISTRITOS e Regiões Administrativas de Caxias do Sul. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Caxias_do_Sul. Acesso em 20 set, 2011.

POSSAMAI, Pe. Osmar João *et al. Raízes de São Marcos e Criúva*. Porto Alegre: EST, 2005.

PREFEITURA Municipal de Caxias do Sul. Secretaria do Planejamento. *Mapa Anexo 5 – Turístico*. Disponível em: <http://www.caxias.rs.gov.br/planejamento/texto.php?codigo=4>. Acesso em 20 set. 2011.

SANTO Antônio da Patrulha. Disponível em: <http://www.camarasap.rs.gov.br/paginas/municipio.asp>. Acesso em: 20-09-2011.

ZIMMERMANN, Florisbela Carneiro; NETTO, Adolfo Zimmermann. *Biribas: a contribuição do tropeiro à formação histórico-cultural do Planalto Médio sul-rio-grandense*. Sorocaba, SP: Fundação Ubaldino do Amaral, 1991.